

Geografia Literária

**As 7 Tribos descendentes
dos Portugueses + 1**

Notas

1 – Os diapositivos em itálico são do texto “original” do blog “Vortex Magazine”, baseado em 7 textos publicados pelo blog “ncultura”. O 8º texto foi retirado de “ncultura”;

2 – Como não há apresentação oral, há alguns elementos em demasia, e haverá outros em falta, mas ... foi o conseguido;

3 – Considero ser um orgulho, para todos nós, sermos Portugueses e termos deixado tantos “testemunhos” da nossa passagem.

A maior prova do legado dos Descobrimentos, quando os portugueses partiram em busca de glória e riqueza. As 7 tribos descendentes dos portugueses.

- *Estão espalhados um pouco por todo o mundo e são a maior prova do legado dos Descobrimentos, quando os portugueses partiram para terras distantes em busca de glória e riqueza.*
- *A grande maioria deles ainda fala crioulo de origem portuguesa e ainda mantém vivas algumas tradições dos seus antepassados. É comum, em muitos locais, ainda cantarem em português e a religião católica é outro fator que os une.*
- *Existem muitas tribos e povos que descendem dos portugueses, desde a América até à Ásia. Alguns estão a desaparecer, outros ainda conseguem manter viva a chama dos seus ancestrais e o amor por Portugal. Descubra 7 tribos descendentes dos portugueses.*

Lamno (Indonésia)





- *Os portugueses foram os primeiros europeus a chegar à Indonésia, no início do século XVI e, apesar de terem-se estabelecido sobretudo na região oriental do país, alimentaram o sonho de controlar o comércio da pimenta desde a zona estratégica do Norte da Samatra até ao mercado chinês.*
- *Os portugueses da província indonésia de Aceh, conhecidos localmente como “olhos azuis”, estão em risco de se extinguirem desde que o tsunami de 2004 reduziu a comunidade de centenas de pessoas a menos de uma dezena.*



- *Antes do tsunami, a comunidade teria talvez cerca de 500 pessoas, enquanto que agora é difícil apontar um número, porque a região conta com descendentes de outros europeus e árabes.*



Banda Aceh
**antes e
depois do
Tsunami**



M
U
S
E
U



P
E
S
C
A
D
O
R
E
S

Bibliografia

- Mar das Especiarias
 - (Lautan Rempah)
- Joaquim Magalhães de Castro

Bayingyis (Birmânia)





- *A hegemonia portuguesa no Índico e no Pacífico durou perto de um século e seria profundamente abalada com a chegada dos holandeses àqueles mares.*
- *Com a substituição da dominação portuguesa pela holandesa – permanecendo nas terras que as viram nascer; deportados para outras paragens; ou forçados à emigração – as cristandades mestiças euro-asiáticas do Oriente talharam a identidade coletiva de cada uma que perdurou até aos nossos dias e que assenta em dois pilares principais: a religião católica e a língua crioula.*



- *Entre essas comunidades destaca-se a dos descendentes dos muitos soldados portugueses que na época de Seiscentos lutaram ao lado dos soberanos de Ava e do Pegu, reinos da antiga [Birmânia](#), ou que faziam parte do pequeno exército de Filipe de Brito, ou do seu companheiro de armas Salvador Ribeiro de Sousa, senhores feudais em terras do Oriente, ambos empossados com o título de ‘rei do Pegu’, e que são hoje conhecidos em [Myanmar](#) (atual Birmânia) como os ‘bayingyis’.*

- **Mandalay / Ye U / Monwya**

Visita às aldeias dos bayingyis, descendentes de navegadores portugueses, mercenários e aventureiros. Haverá tempo para contactar com as populações locais, onde os traços portugueses são bem evidentes. O almoço será num restaurante local e o jantar será servido no hotel.

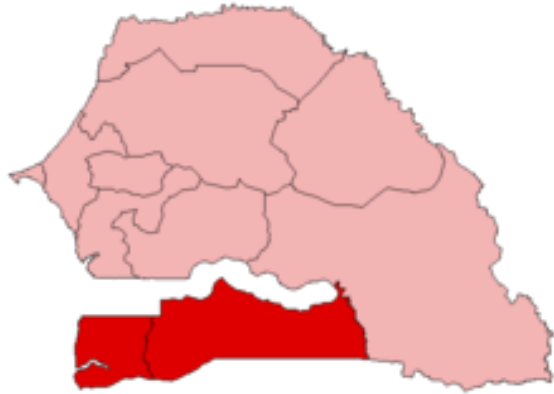
- **Monwya / Shwe Bo / Mandalay**

Continuamos a visita às aldeias dos bayingyis. Vamos procurar conhecer o modo de vida das populações locais, evidenciando as características que mantêm em comum com os portugueses. Almoço e jantar em restaurantes locais.

Bibliografia

- Os Bayingyis do Vale de Mu: Luso descendentes na Birmânia
- Joaquim Magalhães de Castro e Josué da Silva

Ziguinchor (Senegal)

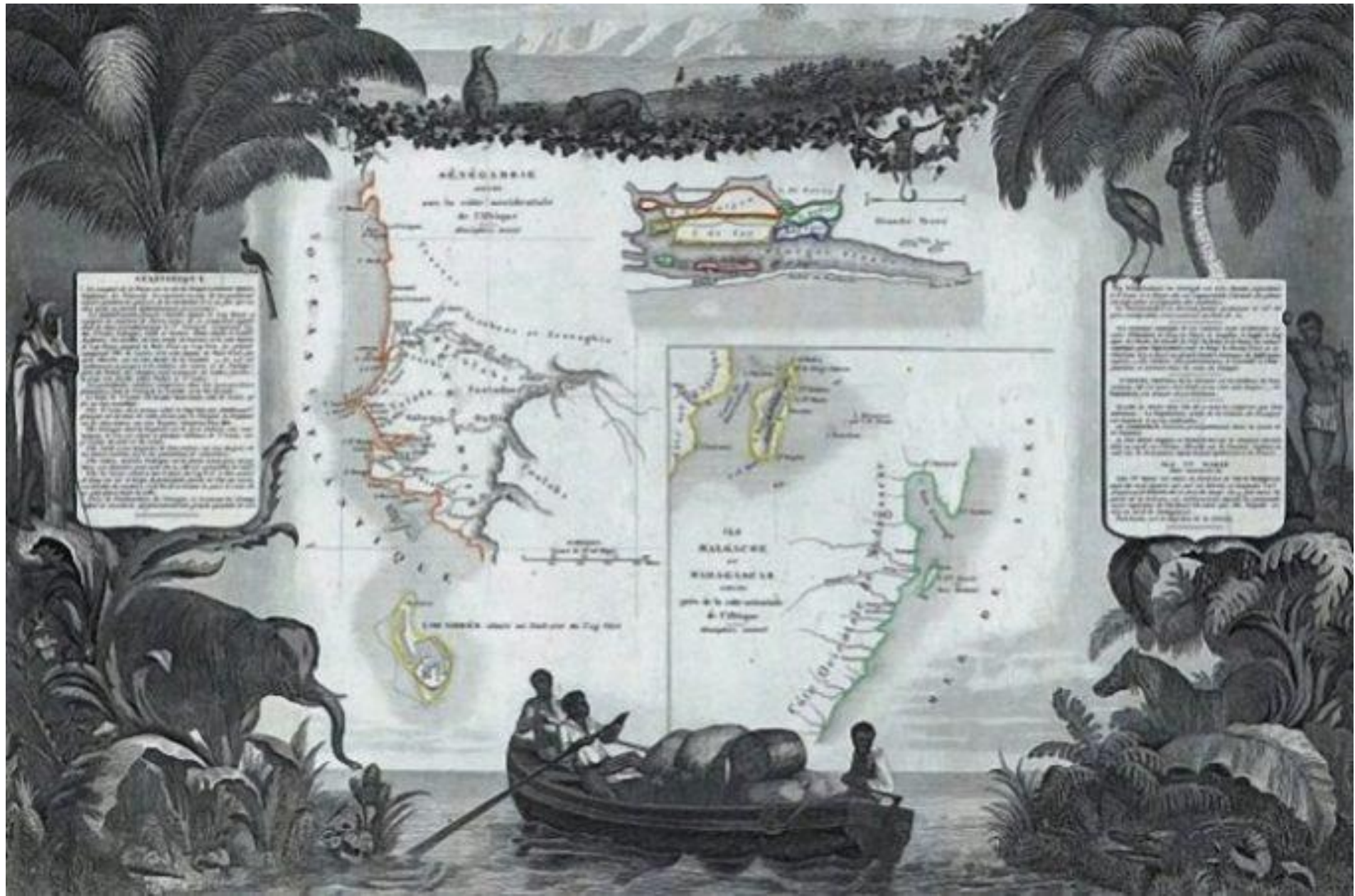


Casamansa

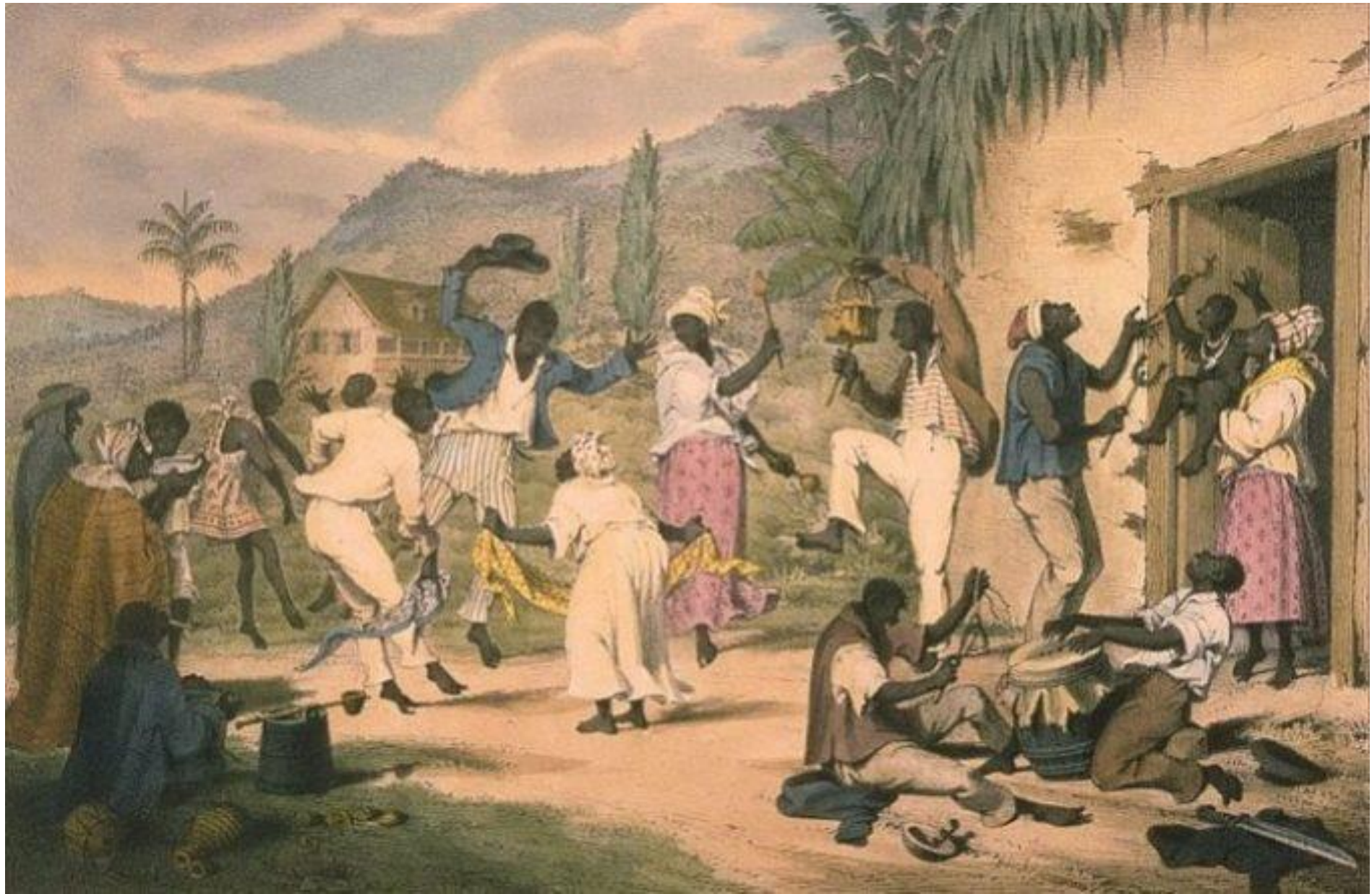


Ziguinchor





- A atual Ziguinchor remonta a uma feitoria fundada pelos portugueses em 1645, na margem sul do rio Casamansa. Segundo a tradição, o seu nome deriva da expressão em língua portuguesa “cheguei e choram”, uma vez que os nativos pensavam que os europeus os vinham escravizar.
- Subordinada à capitania de Cacheu, o seu objetivo era o comércio com o reino de Casamansa, um fiel aliado na região, descrito pelos cronistas coevos como o reino mais amigo dos portugueses ao longo da costa da Guiné.



- *Nos censos de 1963, dos 42.000 habitantes de Ziguinchor, 35.000, falavam o crioulo (83%), e 30.000 tinham o crioulo como língua materna (71,4%).*
- *O crioulo de Casamansa é uma língua crioula baseada no português que é considerado um dialeto do crioulo da Guiné-Bissau falado principalmente na região de Casamansa no Senegal e também na Gâmbia.*

- Segundo a tradição, o seu nome deriva da expressão em [língua portuguesa](#) "cheguei e choram", uma vez que os nativos pensavam que os europeus os vinham [escravizar](#).
- Subordinada à [capitania](#) de [Cacheu](#), o seu objectivo era o comércio com o reino de Casamansa, um fiel aliado na região, descrito pelos cronistas coevos como o reino mais amigo dos portugueses ao longo da costa da Guiné. De acordo com essas fontes, o rei vivia à moda [europeia](#), com [mesa](#), [cadeiras](#) e [roupas](#) ocidentais, e, na sua corte, habitavam muitos portugueses onde comerciavam e faziam cortesia ao rei.
- Na década de 1690 já existia no local uma fortificação, a [Fortaleza de Nossa Senhora da Conceição](#).
- A mãe de [Honório Pereira Barreto](#), [Rosa de Carvalho Alvarenga](#), conhecida por Rosa do Cacheu, era uma autoridade local, que havia muitos anos era residente em Ziguinchor, descendente de [Carlos de Carvalho Alvarenga](#), que era Capitão-Mor de Ziguinchor em 1766.^[2]
- A região de Ziguinchor e de Casamansa foi cedida à [França](#) em [13 de Maio](#) de [1886](#).

- A população era constituída pelos:
- "fijus di fidalgu", a aristocracia que se distinguia pelo prestígio nobiliárquico que exhibia; e os
- "fijus di terra", descendentes de portugueses e mulheres de etnia Diola, que ainda hoje mantêm apelidos portugueses como Afonso, Barbosa, de Carvalho, da Silva, e da Fonseca, entre outros.
- Depois de 75 anos de domínio francês e de 37 anos de independência os crioulos de Ziguinchor ainda são conhecidos como "les portuguais".

Pai Nosso em Português e em Crioulo de Casamansa

- Português (de Portugal e do Brasil):

Pai Nosso, que estais no céu, santificado seja o Vosso nome, venha a nós o Vosso reino, seja feita a Vossa vontade assim na Terra como no Céu. O pão nosso de cada dia nos dai hoje. Perdoai-nos as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido, e não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal

- Crioulo de Casamansa

No Pape ki stana seu Pa bu nomi santificadu
Pa bu renu thiga Pa bu bontadi fasidu riba di
tera suma na seu Partinu aos pom di kada dia
Purdanu no pekadus, suma no ta purda kilas
ki iara nu ka bu disanu no kai na tentasom Ma
libranu di mal Amen

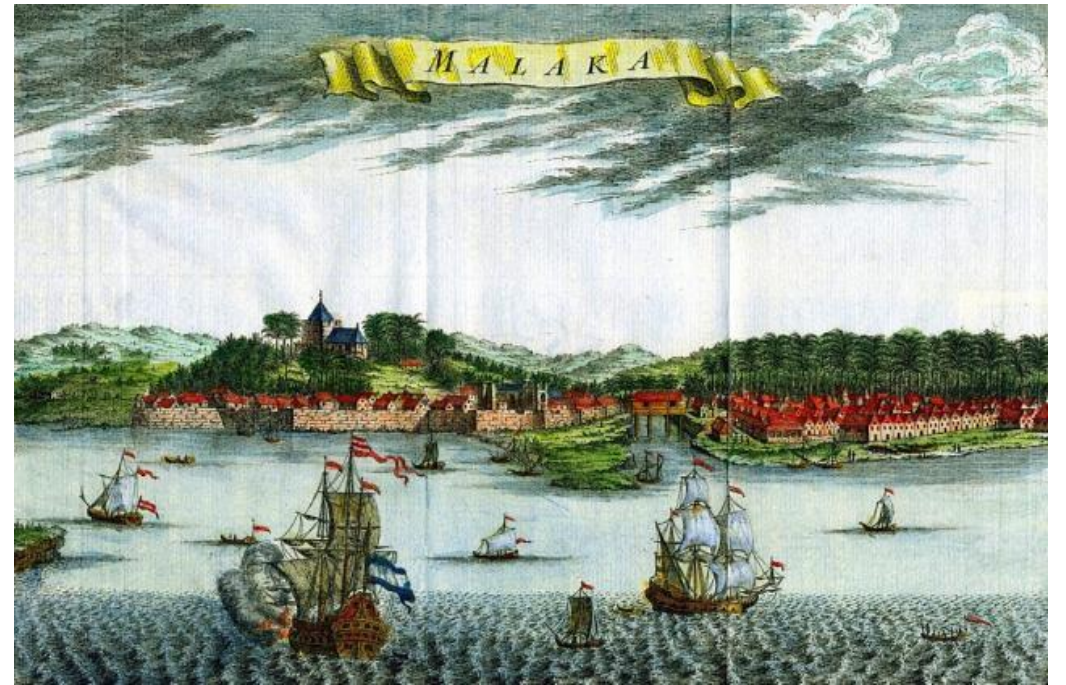
Bibliografia

- Família Pereira Barreto de Cacheu

- Jaime Walter

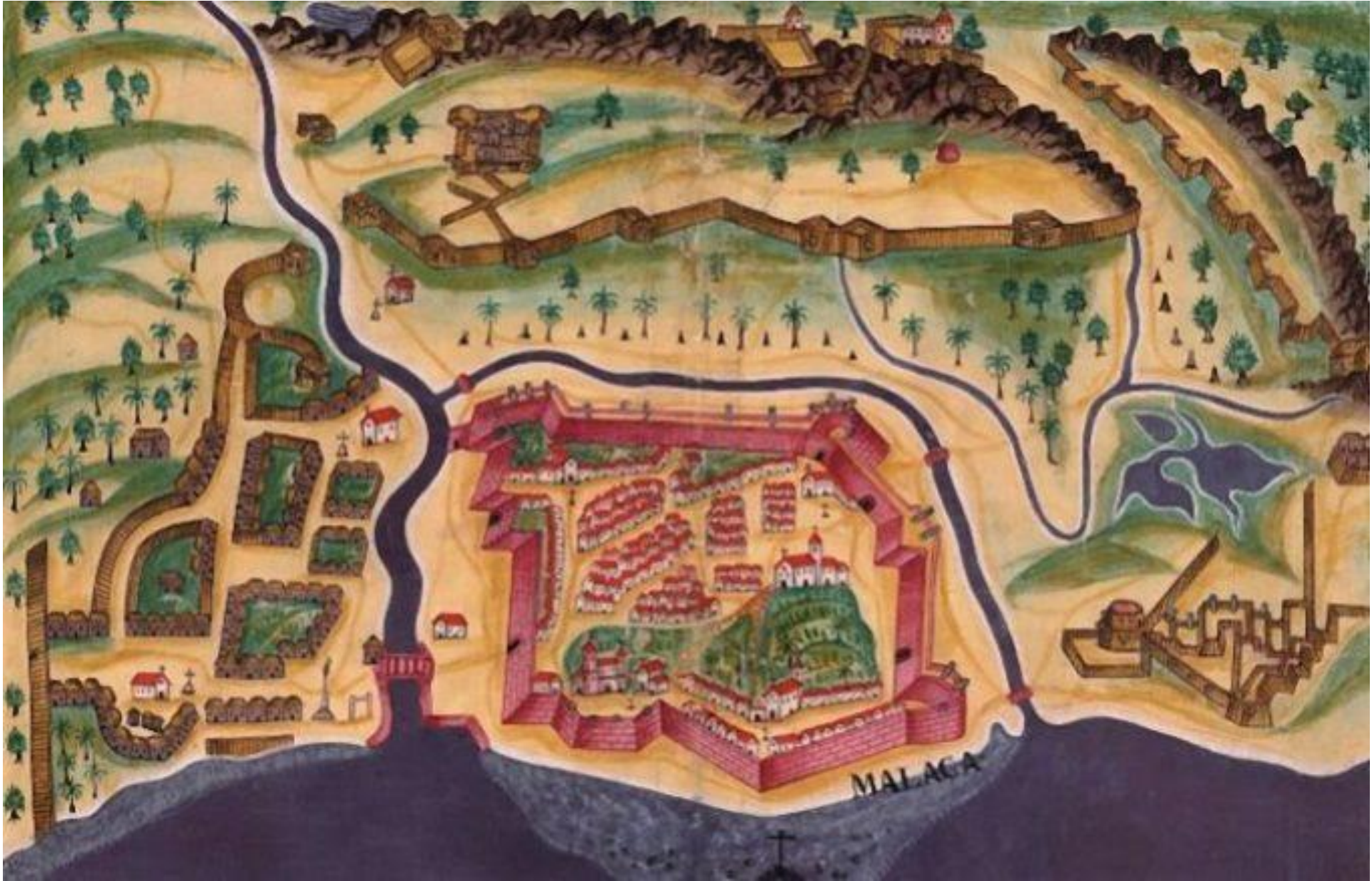
Nota: Ziguinchor está geminada com Viana do Castelo

Kristang (Malásia)





- *Os portugueses chegaram há quinhentos anos a Malaca. A diáspora lusitana subsiste, com inusitado fulgor e entusiasmo, num pequeno bairro piscatório malaio, onde se luta pela manutenção da cultura portuguesa. Hoje e sempre.*
- *Em Malaca (Melaka, i.e., “O Estado Histórico”), o terceiro mais pequeno Estado da Malásia, existe um povo conhecido por [Kristang](#) (“cristão”), que descende dos portugueses e que sobrevive desde o século XVI como uma pequena comunidade de cerca de 5000 pessoas.*



- *A numerosa colónia luso-descendente não abdicou da identidade cultural. Meio milénio após a chegada lusa e 370 anos após a sua partida, todos continuam a afirmar-se, orgulhosamente, portugueses, sem nunca terem pisado solo nacional. A cultura popular portuguesa transmite-se de pais para filhos, por via oral.*
- *Contam-se histórias, ensinam-se costumes e tradições, transmite-se «o portugis antigo», que falavam os primeiros colonos, corrompido por séculos de transmissão oral sem um único registo escrito ou resquício de ensino oficial.*

O **Natal** é uma ocasião festiva, quando muitas famílias cristang se juntam. Realizam-se também diversas festividades como o **dia de São João** (*San Juang*) a 24 de Junho, hoje uma das maiores atracções turísticas de **Malaca**, ao **São Pedro** (*San Pedro*), patrono dos pescadores, em 29 de Junho. A música e dança cristang, é conhecida como branyok. A melodia branyok mais popular, a "Jingkli Nona", é vista como um hino não oficial da comunidade eurasiática de origem portuguesa.

Apelidos de origem portuguesa, como o de **Jeremy Monteiro**, um conhecido músico, ou o proprietário da **Air Asia**, **Tony Fernandes** revelam a origem portuguesa. Além dos nomes, cerca de 300 palavras portuguesas permanecem na língua malaia. Estas incluem *kereta* (de *carreta*, "carro"); *sekolah* (de *escola*); *bendera* (de *bandeira*); *mentega* (de *manteiga*); *keju* (de *queijo*); *meja* (de *mesa*); and *nenas* (de *ananás*).



- O *kristáng* teve uma influência substancial no [Patuá macaense](#), a língua crioula falada em Macau, dado à migração substancial de Malaca após a região ser ocupada pelos [holandeses](#). Mesmo após Portugal perder Malaca e quase todo o contacto em [1641](#), a comunidade *kristáng* largamente preservou a sua língua. Devido a melhores condições de vida e trabalho em Singapura, centenas de falantes de *Papiá kristáng* fixaram-se no país vizinho e levaram o crioulo consigo; porém, com os casamentos com singapureanos a tendência é ao desaparecimento do *kristáng* em Singapura. Em Malaca a comunidade crioulófona falante de *papiá kristáng* conta com escola e associação. Foi publicado um dicionário de português-*papiá kristáng*, e o crioulo e sua comunidade foram tema de um artigo da Revista de Cultura do [Instituto da Cultura de Macau](#).
- Uma pintura mural inspirada na azulejaria portuguesa e a homenagear Fernão de Magalhães vai ser realizada por lusodescendentes e residentes no Bairro Português em Malaca, na Malásia, no próximo fim-de-semana. Abril 2020

• **Expressões Comuns**

- *Mutu merseh* (port. Muito obrigado)
- *Teng bong?* (port. Estás bem?)
- *Bong pamiang* (port. Bom dia)
- *Bong atadi* (port. Boa tarde)
- *Bong anuti* (port. Boa noite)
- *yo* (port. eu)
- *bos* (port. vós)
- *bolotudu* (port. vós todos, vocês todos)
- *mai* (port. mãe)
- *pai* (port. pai)
- *muleh* (port. mulher)
- *maridu* (port. marido)
- *bela* (port. velha)
- *belu* (port. velho)
- *Quenino* ou *Kenino* (Port. Pequenino)
- *godru* (port. gordo)
- *Bonitu* (port. bonito)
- *festa* (port. festa)
- *ungua, dos, tres, kuantu, singku, sez, seti, oitu, novi, des* (port. um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez)

- **Poema de Malaca**

- Keng teng fortuna fichah na Malaka,
- Nang kereh partih bai otru tera.
- Pra ki tudu jenti teng amizadi,
- Kontu partih logo fichah saudadi.
- Ó Malaka, tera di San Francisku,
- Nten otru tera ki yo kereh.
- Ó Malaka undi teng sempri fresku,
- Yo kereh fichah atih moreh.

- **Tradução em português:**

- Quem tem fortuna fica em Malaca,
- Não quer partir para outra terra.
- Por aqui toda a gente tem amizade,
- Quando partir logo fica a saudade.
- Ó Malaca, terra de São Francisco,
- Não há outra terra que eu quero.
- Ó Malaca, onde tem sempre ar
- Eu quero ficar até morrer.

Poema de José Valle Figueiredo

- FALA DE AFONSO DE ALBUQUERQUE AO SAIR DE MALACA
- VOU-ME EMBORA.
- JÁ SOU AMIGO DO REI.
- MAS NÃO ME VOU EMBORA.
- ESTA É A LEI:
- LUSITANO VOU, LUSITANO FICO,
- ASSIM COMO ESTOU, VOU E FICO.
- ENTRE O PARTIR E O FICAR
- CONTINUAMENTE ME VIVIFICO.
- PORQUE ESTA É A CONDIÇÃO:
- ENTRE QUEM FUI E QUEM SOU,
- JÁ NÃO HÁ RAZÃO
- PARA SAIR DONDE ESTOU.
- PORQUE FICO QUANDO VOU.

Bibliografia

- Kristang – Crioulo de base portuguesa
 - Ladislav Pristic

Burghers (Sri Lanka)





- *Burgher é o nome pelo qual são conhecidos os descendentes de portugueses e holandeses no Sri Lanka. Os Burghers Portugueses são um grupo étnico do Sri Lanka descendentes de cingaleses e portugueses, católicos e falantes do indo-português do Ceilão, uma linguagem crioula de origem portuguesa.*
- *Os Burghers portugueses são majoritariamente descendentes de mestiços de origem portuguesa e cingalesa, geralmente pai português e mãe cingalesa ou mãe descendente de portugueses com pai cingalês. A sua origem remonta à chegada dos portugueses, após a descoberta do caminho marítimo para a Índia, em 1505.*



- *Quando os holandeses tomaram as costas do Sri Lanka em 1656, antigo Ceilão Português, os descendentes dos portugueses refugiaram-se nas montanhas centrais do reino Kandyan, sob domínio cingalês.*
- *Com o tempo, descendentes de portugueses e holandeses casaram entre si. Embora a língua portuguesa tivesse sido banida sob o domínio holandês, estava tão difundida como língua franca do índico que até os holandeses a falavam. No Censo de 1981 os Burghers (holandeses e portugueses) contavam cerca de 40.000 (0,3% da população total do Sri Lanka).*



- *Numerosos apelidos de origem portuguesa permanecem até hoje, como Perera, Pereira, Abreu, Salgado, Fonseca, Fernando, Rodrigo e Silva que se tornaram parte da cultura do Sri Lanka.*

No Sri Lanka de hoje o crioulo limita-se à linguagem falada. A maioria dos falantes são os burghers da província oriental, em [Batticaloa](#) e [Trincomalee](#). Actualmente o inglês tornou-se a língua comum, com o [cingalês](#) ensinado nas escolas como segunda língua. De influência portuguesa existem ainda os *cafrinhas* ou *kaffir* do Sri Lanka, uma comunidade de origem africana, na província do noroeste [Puttalam](#), originalmente trazidos por portugueses, neerlandeses e ingleses para trabalhar no Sri Lanka, e que mantêm assumidamente uma cultura e religião portuguesas.

No Censo de 1981 os Burghers (holandeses e portugueses) contavam cerca de 40.000 (0,3% da população total do Sri Lanka). Muitos burghers emigraram para outros países. Existem ainda 100 famílias em Batticaloa e Trincomalee e 80 famílias Kaffir em Puttalam que falam o crioulo português.

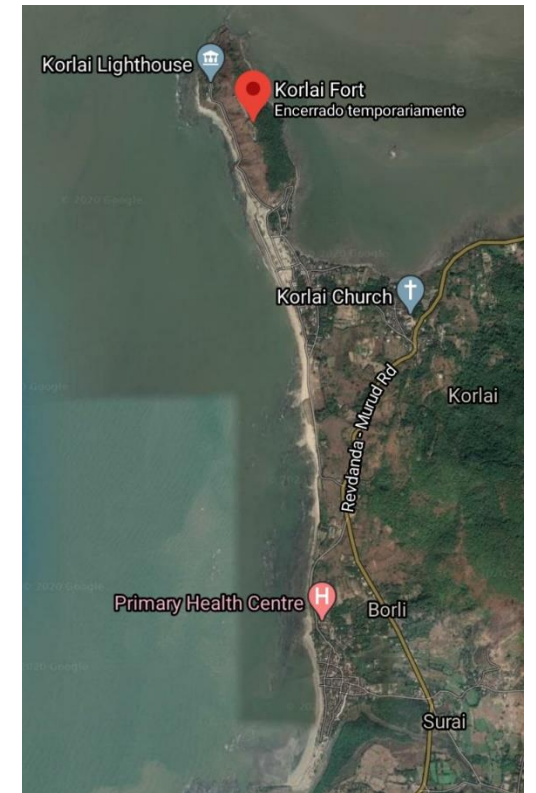
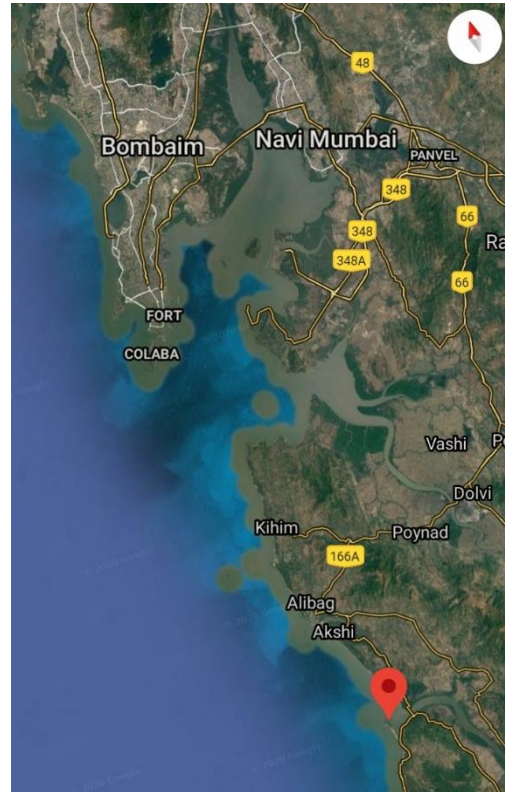
“Caso pessoal”

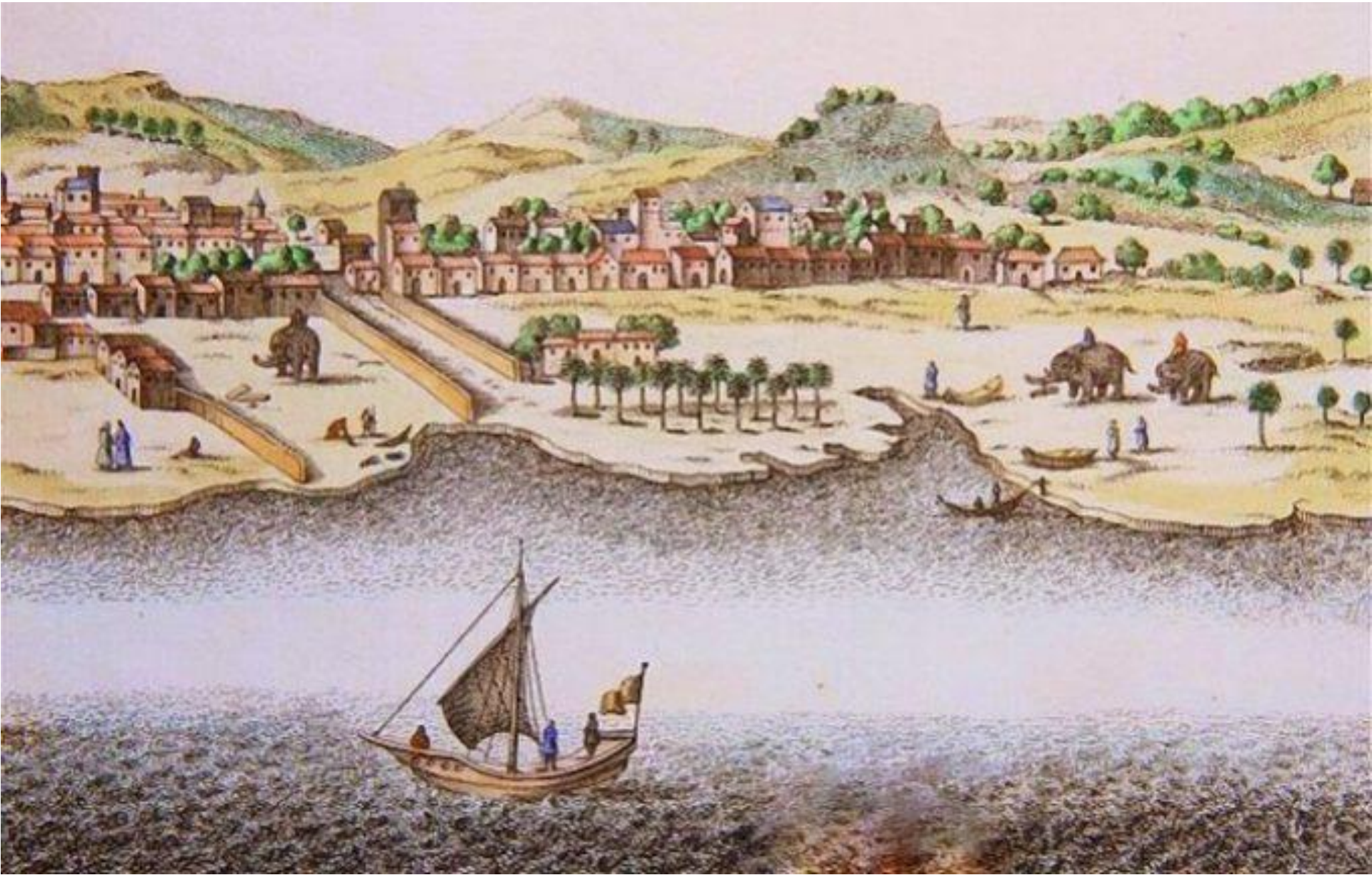
- Em 1991 ao cruzar o Báltico de Estocolmo para Helsínquia, ao jantar, um outro passageiro interpelou-me para saber de que país, eu e os meus amigos éramos. Ao responder-lhe de Portugal, ele perguntou-me como se dizia em português “table”, ao que lhe respondi “mesa”. Ele riu-se, disse-me ser do Sri Lanka e que no seu país também se chamava “mesa”, e já agora que ele tinha como sobrenome “Silva”, sendo portanto luso descendente.
- A situação originou uma conversa interessante, tendo ficado a saber que ele era professor universitário em Upsala e que ia a Helsínquia fazer uma conferência.

Bibliografia

- Indo-Portuguese History: Old issues, new questions
- Teotónio R. de Sousa

Korlai (Índia)





- Korlai é uma aldeia que fica perto das ruínas da antiga cidade fortaleza de Chaul construída pelos portugueses no séc. XVI, em 1534. Chaul foi uma das cidades mais importantes e estratégicas do Império Português do Oriente, de tal forma que era uma cidade bem apetecida para os adversários dos portugueses.
- Os portugueses começaram a frequentar aquelas águas a partir de 1501, com o apoio do potentado local que se fizera vassalo do rei de Portugal para se livrar da influência do Samorim de Calecut.



- *A povoação conta com cerca de 900 falantes, no entanto encontra-se ainda por estudar, pois ainda não há nenhum estudo sobre a língua ou sobre os costumes deste povo.*
- *A descendência de Korlai resulta da presença de soldados Portugueses que se casaram com as nativas, bem como um pequeno grupo de mulheres de Goa que se casaram com portugueses. Os seus costumes e tradições indicam essa origem e incluem a religião cristã, a celebração de diversas festividades e até músicas populares.*

Korlai Fort (also called Morro or Castle Curlew^[1]), known in [Portuguese](#) as **Fortaleza do Morro de Chaul**, is a [Portuguese fortification](#) in the town of Korlai,^[2] [Maharashtra](#), India. It was built on an island (Morro de Chaul)^[3] which guards the way to the Revdanda Creek. It was meant as a companion to the fort at [Chaul](#). At this strategic position the Portuguese could use it to defend their province which stretched from Korlai to Bassein. Vestiges of the Portuguese occupation are manifested in the distinct dialect of the Korlai villages inhabitants which is a [Luso-Indian](#) Portuguese Creole called [Kristi](#).

There are three Portuguese inscriptions. One, over a doorway in the centre and highest part of the fort (see picture), reads as follows:

This castle was commanded to be built by the Viceroy of India Dom Filipe Mascarenhas in November of the year 1646 and Fernão Miranda Henriques being Captain of Chaul, and was finished in May 1680, Cristóvão de Abreu de Azevedo being Captain of this fort.

Mas nin-guém espere que o progresso moderno e as necessárias leis do mercado de trabalho con-sintam a repetição do "milagre de Korlay", em Chaúl, onde uma pequena aldeia luso-india- na, isolada há três séculos, teima em falar um dialecto português.

Não fica muito distante da Metrópole BOMBAIM, cerca de dezenas de Km, e igualmente do Antigo BASSAIM (hoje, Vasai) que pertenceram Às Praças de Norte, O **português de Korlai** é uma **língua crioula baseada no português**, falado por cerca de 1.000 **crístãos** em uma área isolada ao redor da aldeia de **Korlai** no Distrito de Raigad do estado de **Maharashtra**, na Índia.

A vila fica na foz do rio Kundalika, em frente as ruínas de um grande forte português, que está localizado no Revdanda.

Breve comparação entre o português e o Crioulo de Korlai

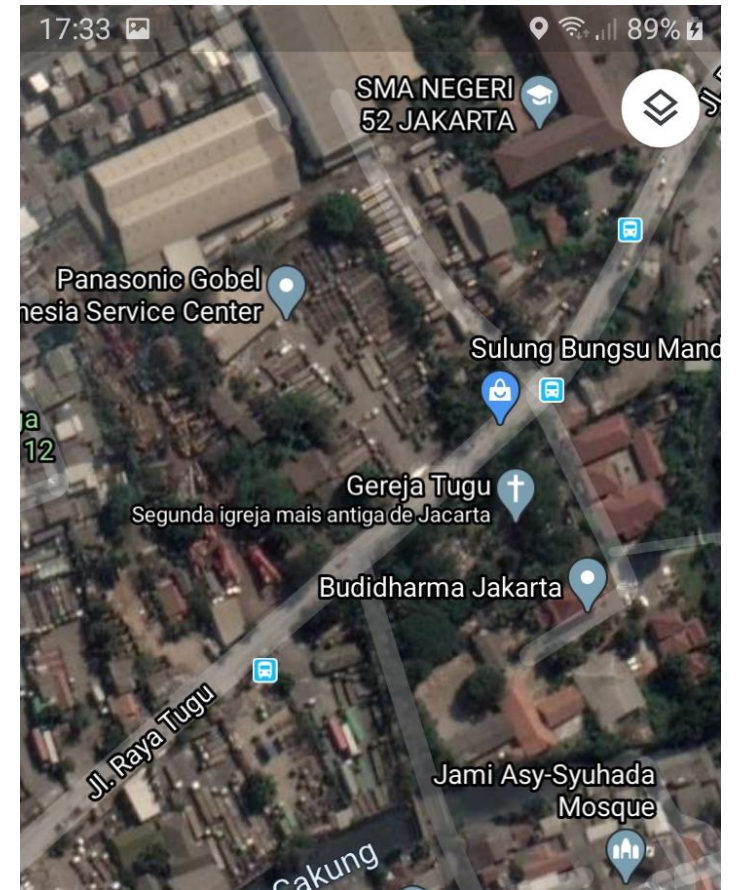
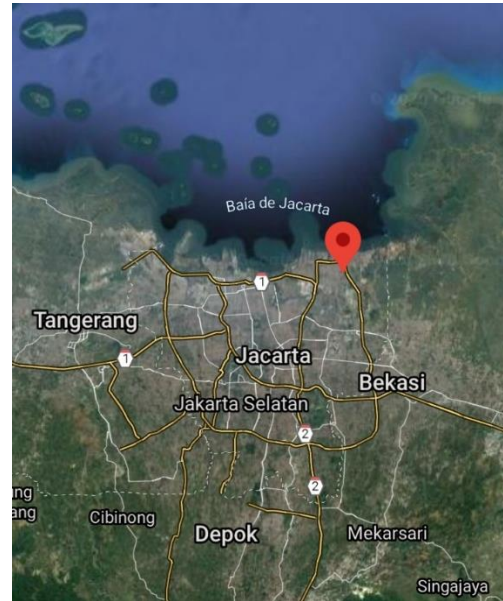
Português	Crioulo de Korlai
Muito obrigado	Muit'obrigad
Eu	Yo
Vós	Wo
Você	Usé
Ele/ela	El
Nós	No
Vós outros	Udzó
Eles outros	Eló
Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez	ũ, doy, tre, kwat, sink, sey, set, oyt, nob, dey
Primeiro, Segundo	Primer, Sigun
Toda a gente come e bebe com fartura	Tud gent cumen beben tem fart

Crioulo de Korlai:

Bibliografia

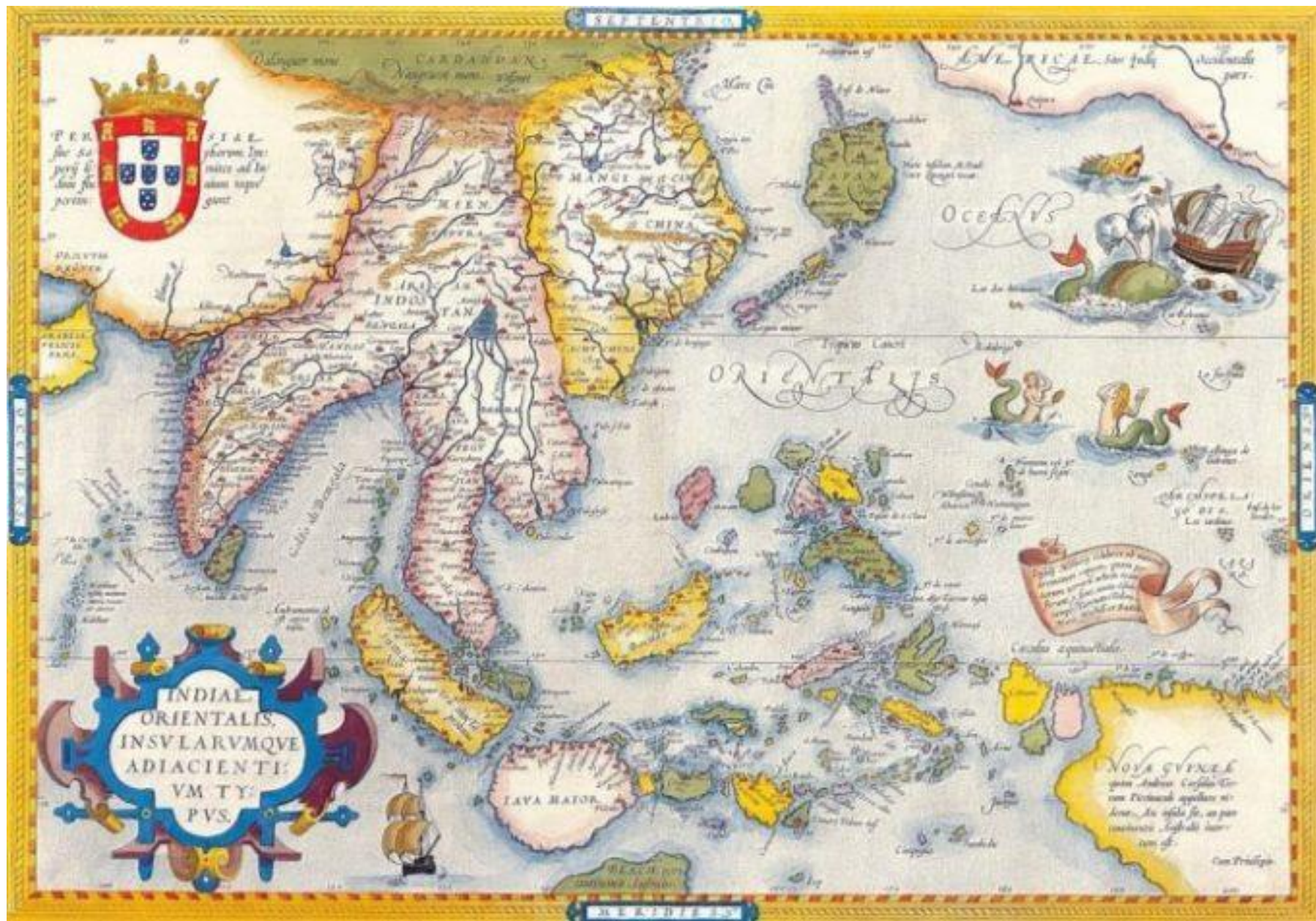
- Lusofonia em Damão, Diu, Silvassá e Korlay
- Padre António Colimão

Tugu (Indonésia)





- *Não é fácil chegar a Tugu, a nordeste de Jacarta, capital da Indonésia. Mesmo ao fim-de-semana, o trânsito que liga à aldeia é caótico, devido à proximidade do porto de Tanjung Priok, o principal do país, com cerca de 430 hectares. Apesar dos inúmeros camiões que entopem a estrada principal,*
- *sente-se uma tranquilidade ao chegar a Tugu, um ex-líbris de Portugal. Junto ao cemitério e à igreja branca datada do século XVII, há um espaço aberto e arvoredo que lembra o centro de algumas aldeias portuguesas, até pelos idosos que por ali vão deixando cair o tempo.*



- *Os ancestrais dos tugu estão ligados aos escravos dos portugueses na Índia que foram levados para a Batávia, antiga [Jacarta](#), por holandeses.*
- *Ainda no século XVII, após o fim do império colonial português no Sudeste Asiático, chegaram àquela zona comerciantes, artesãos e aventureiros oriundos de Malaca, Ceilão, Cochim e Calecute. O cruzamento entre os dois grupos fez nascer os chamados “Portugueses Negros”, que tinham em comum a língua portuguesa e a religião cristã.*

Igreja





Letra de música em crioulo Tugu

YAN KAGA LETI

Yan kaga leti
Tres pedra kenti
Keng bos sua nora
Ladrang busi kampu
Bos teng picadu
Trong tang teng ebertu
Yeru yeru sinyo kabaleru
Cermela diortera
Tamburlah bagera
Jato aka ploro
Ya bira di gera
Isya.. Pusya..
Naris di justisa
Nyai dayang dayang
Sia dayang di klapa bondo
Klapa bondo di talang-talang
Kampu cina olenggo.. olenggo
Dansi mama, dansi papa
Laba laba laba keng

UNGA	-	Um/uma
DOS	-	Dois
TRES	-	Três
KATER	-	Quatro
SINGKU	-	Cinco
SES	-	Seis
SEITI	-	Sete
DITU	-	Oito
NOIBI	-	Nove
DES	-	Dez
UNJI	-	Onze
DOJI	-	Doze
TREJI	-	Treze
KATERJI	-	Catorze
SINGJI	-	Quinze

DISSES	-	Dezasseis
DISSEITI	-	Dezassete
DISDITU	-	Dezoito
DINOIBI	-	Dezanove
BINDI	-	Vinte
ESKOLA	-	Escola
MESA	-	Mesa
KORPU	-	Corpo
KAMA	-	Cama
KABELU	-	Cabelo
JANELA	-	Janela
KABESA	-	Cabeça
RUA	-	Rua
ROSTU	-	Rosto
GATU	-	Gato

Na Indonésia persiste uma aldeia onde desde o século XVII os habitantes continuam a tentar preservar as suas raízes portuguesas. Crê-se que o nome desta comunidade – “Kampung Tugu” – tenha origem na palavra “Português” “**tugu**”. É curioso como faz lembrar “Portuga” e “Tuga”, expressões por vezes utilizadas em referência aos portugueses.

Esta comunidade de origem lusa terá surgido pela altura da colonização holandesa, que alojou em Batavia (hoje Jacarta), prisioneiros luso-descendentes e escravos, que posteriormente se misturaram com outros vindos das Molucas, com comerciantes, artesãos e aventureiros provenientes de Malaca, Ceilão, Cochim, Calecute, etc. Todos estes homens tinham em comum o facto de serem cristãos e de falarem a língua portuguesa.

Apesar de já terem passado 11 gerações desde a chegada dos portugueses a Batávia, alguns deles ainda têm características físicas europeias como uma senhora com cabelos ruivos encaracolados. Andre tem os olhos castanhos e não pretos, contrariando a fisionomia predominante na Indonésia, e também o nariz do irmão Arthur é diferente do da maioria. O porta-voz da comunidade diz que carrega “muitos sentimentos no coração”, porque quando viajou até Portugal não se sentiu português e na Indonésia distancia-se dos restantes por ter um nome europeu. “Quem sou eu?”, questiona, mostrando-se “orgulhoso, mas também triste”.

Os ancestrais dos tugu estão ligados aos escravos dos portugueses na Índia que foram levados para a Batávia, antiga Jacarta, por holandeses. Ainda no século XVII, após o fim do império colonial português no Sudeste Asiático, chegaram àquela zona comerciantes, artesãos e aventureiros oriundos de Malaca, Ceilão, Cochim e Calecute. O cruzamento entre os dois grupos fez nascer os chamados “Portugueses Negros”, que tinham em comum a língua portuguesa e a religião cristã.

Bibliografia

- A Herança da Língua Portuguesa no Oriente
 - Marco Ramerini

+ 1 outra

Melungos (USA)



Montes
Apalaches





- *É nos Estados Unidos, mais concretamente nas montanhas dos Apalaches, que habita o misterioso povo dos Melungos. Há mais de 300 anos que esta tribo se autointitula... de “portugee” (portugas).*
- *Os Melungos apresentam vários traços físicos que combinam uma mistura de origens diferentes: índia, negra, árabe e a branca.*
- *Suspeita-se que esta tribo estivesse instalada nos Montes Apalaches ainda antes de se concretizar o domínio inglês na América. Porém, também existem alguns relatos de que estão instalados ali desde o século XVII.*



- *Manuel Mira, radicado nos Estados Unidos há vários anos, investigador amador é um interessado estudioso por este povo. Em declarações ao “Livro dos Porquês”, revelou que as suas investigações tiveram início graças a uma expressão curiosa de uma docente: ” (...) Uma professora, Barbara MacRae, ao saber que era português, a primeira coisa que me disse foi “então você conhece os Melungos”.*
- *A partir daí procurou saber realmente se a ligação daquele misterioso povo com [Portugal](#) era verdadeira. O primeiro passo foi conhecer Sneedville, uma das localidades onde os Melungos viveram após a vida dificultada nas montanhas.*
- *Manuel Mira afirma ao “Livro dos Porquês” que “eles estavam com medo que eu fosse jornalista. Os que lá foram antes trataram-nos como pessoas pobres e incultas”.*

S
n
e
e
d
v
i
l
l
e



- *Porém, seria numa conversa tida com o escriturário da Câmara Municipal, Scott Collins (também ele Melungo), que obteve dados curiosos: “Disse-me que as lendas rezavam que os Melungos eram os descendentes dos náufragos de um navio português que afundara na época das Descobertas”, refere Manuel Mira.*
- *Mira tentou obter mais informações sobre estas histórias, agora através de documentação. Nada conseguiu saber sobre a altura das [Descobertas portuguesas](#), mas conseguiu encontrar o primeiro censo de 1784, no qual o fundador do Tennessee, [John Sevier](#), afirmava que a origem dos Melungos era portuguesa.*



- *Mira disse ao “Livro dos Porquês” que se focou noutra pista que parece relacionar este povo com Portugal: uma placa que sinaliza um sítio histórico: “Em 1567 passou por aqui uma expedição de espanhóis comandada por Juan Pardo”.*
- *Aparentemente, não é prova de qualquer relação com [Portugal](#), mas é apenas impressão. Manuel Mira, na mesma obra mencionada anteriormente, conta que esta é uma grande prova: “Eu sabia, a partir de antigas investigações, que Juan Pardo tinha sido um explorador espanhol que trouxera portugueses para Florida nos seus barcos. Não tinha era noção que chegara tão longe”.*



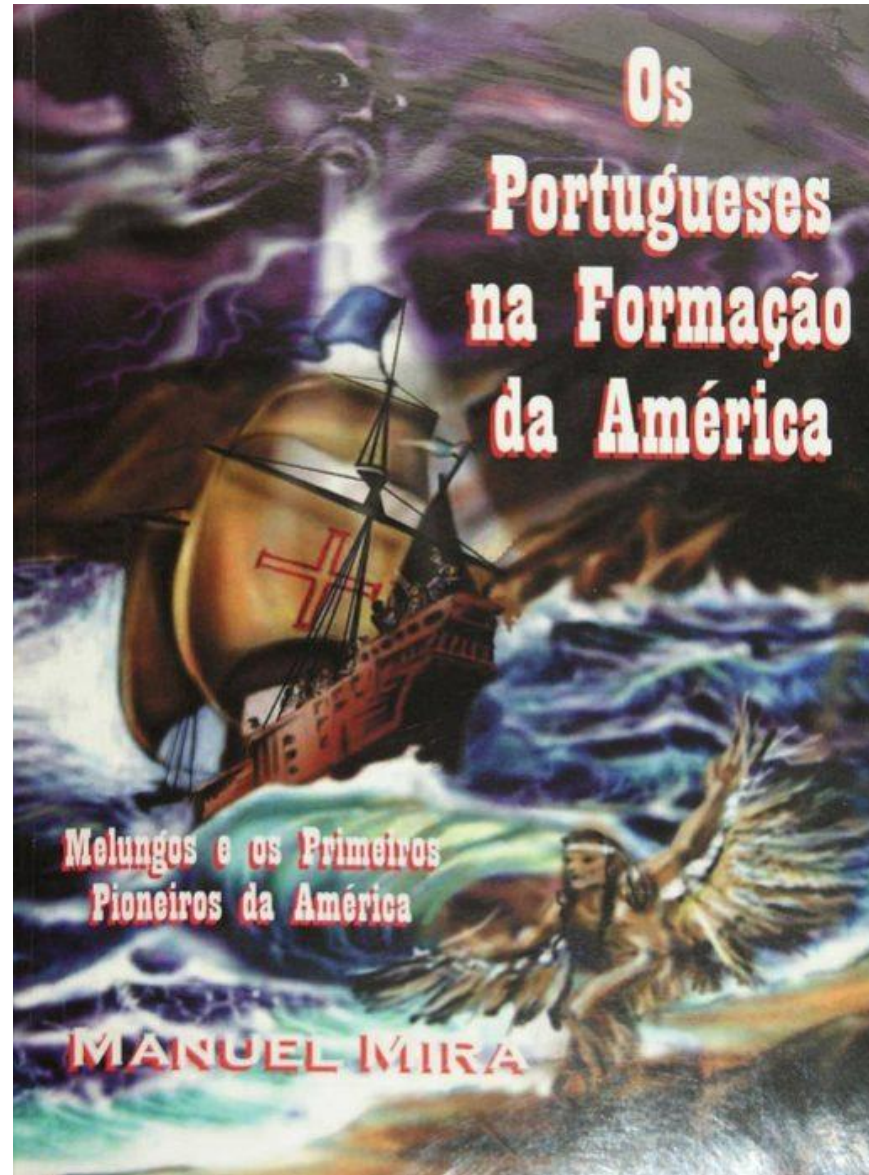
- *Embora não tenha provas, Manuel Mira realça que “haveria camponeses portugueses nestas viagens”. Entretanto, refere a obtenção de um apoio importante na sua investigação: o da Biblioteca Marinha, que confirmou um naufrágio português.*
- *Algum tempo depois descobriu num livro sobre os Melungos uma carta de 1907: ” (Os Melungos) são descendentes de espanhóis e portugueses, do grupo de Hernando de Soto, que se aventuraram na Florida para certas regiões da Carolina do Norte à procura de ouro e que foram capturados ou auxiliados pelos índios [Cherokee](#)“.*
- *A origem dos Melungos merece um estudo ainda mais aprofundado: “Ainda hoje não posso dizer com toda a certeza que os Melungos são descendentes de portugueses”, confessa Manuel Mira.*



3 mini filmes

A incluir posteriormente

Investigador Manuel Mira



Bibliografia

- Os Portugueses na Formação da América
 - Manuel Mira

- **Base: Publicação na net de vários textos e fotografias sobre o tema**
- **Autores: “Blogs Vortex Magazine e Ncultura”**
- **Agradecimentos: A Filomena Machado e a José Valle Figueiredo**

- **Porto, 9 de Abril de 2020**

- *Francisco I. V. Mesquita Guimarães*